



AS ESCRIVÊNCIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO ESCRITA DE NÓS: SABERES QUE ATRAVESSAM PRÁTICAS PESSOAIS E PEDAGÓGICAS

CONCEIÇÃO EVARISTO'S WRITINGS AS WRITING BY US: KNOWLEDGE THAT CROSS PERSONAL AND PEDAGOGIC PRACTICES

Elisa de Souza¹

RESUMO

As escrituras de Conceição Evaristo como escrita de nós: Saberes que atravessam práticas pessoais e pedagógicas tende a desenvolver reflexões acerca do conceito de Escrituras, criado por Conceição Evaristo. É imprescindível por meio deste entender como o mesmo desdobra-se num contexto da literatura contemporânea brasileira pensando nos desafios, obstáculos e avanços. Refletindo sobre produções literárias desenvolvidas por mulheres negras, é fundamental proporcionar discussões relacionadas à corporeidade negra, realizando elos com práticas pessoais, pedagógicas e artísticas da presente autora, Elaisa de Souza. Sabe-se a importância de ocupar diversas frentes assim como os lugares de produções de nossos conhecimentos ancestrais e buscando, assim, a perpetuação de nossos saberes e a favor da Igualdade Racial.

PALAVRAS-CHAVE: Escrituras. Literatura. Igualdade Racial.

ABSTRACT

Conceição Evaristo's writings as a writing of us: Knowledge that crosses personal and pedagogical practices tends to develop reflections on the concept of Writings, created by Conceição Evaristo. It is essential through this sense how it unfolds in the context of contemporary Brazilian literature, thinking about challenges, displacements and advances. Reflecting on literary productions developed by black women, it is essential to carry out an effect related to black corporeality, making links with the personal, pedagogical and artistic practices of the present author Elaisa de Souza. The importance of occupying different fronts as well as the production places of our ancestral knowledge is known, thus seeking the perpetuation of our knowledge and in favor of Racial Equality.

KEYWORDS: Escrituras. Literature. Racial Equality.

¹ Aluna da Licenciatura em Teatro. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, sob a orientação do Professor Titular Marcos Alexandre da Faculdade de Letras/CNPq. E-mail: selisa820@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Ao abrir o livro *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre as palavras de Conceição Evaristo* (2020), logo no início, o símbolo de um dos adinkras, sankofa, me chama a atenção. Ao observar por alguns instantes esse pássaro com a cabeça inclinada para trás, trazendo a simbologia de conexão com o continente africano aos povos originários, remetendo sua memória e história, me fez passear pelos dizeres de Katiúscia Ribeiro quando menciona a importância de olharmos para os caminhos trilhados pelos nossos ancestris e aprendermos com esses passos dados. Como a autora menciona, olhar para frente espelhando nas experiências do passado nos ajudará a recriar caminhos por estradas já trilhadas e conectar com o ancestral que habita dentro de nós (RIBEIRO, 2019).

É imprescindível realizar elos com esse pensamento kemético com o que Conceição Evaristo vem a nos dizer sobre o surgimento do conceito de *escrevivência* quando afirma que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, mas acordá-los de seus sonhos injustos” (EVARISTO. In: DUARTE e NUNES, 2020). Dessa forma, a escrevivência se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, em que corpo-voz possa ecoar e existir no papel, na escrita, nas letras. Rasga e ultrapassa com essa imagem do passado, em que as mulheres escravizadas, mães pretas, eram colocadas para ninar os filhos dos senhores e senhoras da casa grande. Ela comenta que “apesar da voz de nossas ancestrais tinham funções demarcadas pela casa grande, a nossa escrita não” (EVARISTO. In: DUARTE e NUNES, 2020).

Um aspecto que me chamou atenção também logo na capa deste primeiro texto foi a imagem em cujo centro encontramos círculos que vão tomando formas espirais até que são direcionados a sete mulheres negras. Isso me fez pensar em uma das perspectivas africanas que diz respeito à importância e à valorização da roda em nossas feitura, nos rituais, nas reuniões e na capoeira. Nota-se que a partir do momento em que estamos em círculo, olhando uns aos outros, abrindo nosso corpo para a roda, estamos permitindo que nossos saberes possam ser vias de trocas, de aprendizados, de soma e de alimento ao coletivo dentro de uma perspectiva contínua de diálogo, reflexão, afeto e partilha.

Isabella Rosado Nunes, no livro *Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo* (2020), nos fala da importância que foi quando esbarrou na escrita de Conceição Evaristo e do quanto isso influenciou seu olhar sobre a sociedade e a vida. Ela comenta que na verdade o conceito criado é um legado. E logo indaga: quantas autorias de mulheres negras lemos hoje? É notório saber o quanto são colocados à margem pela cultura hegemônica e eurocêntrica os olhares e vivências que partem de escritas de mulheres negras, de pessoas trans, e de autoras e autores



indígenas, principalmente se formos analisar que não é por acaso que o perfil de autores que estão publicando romances na literatura contemporânea brasileira são hegemonicamente homens brancos². Percebe-se que a escrita é um espaço atravessado por muitas relações de poder e acesso. A narrativa acaba sendo um espaço em disputa. Imagina como é para uma mulher negra, favelada, vinda de uma família que não possui herança ou sobrenome importante, enfrentar os obstáculos estruturais e publicar livros em espaços hegemônicos e elitistas. Devido a isso, é de se assustar saber que demorou vinte anos até que *Becos da Memória* fosse publicado. Há de se destacar que o romance foi publicado por uma editora preta, isto é, por uma editora que viabiliza produções de pessoas negras. Entende-se aqui que essa estrutura hegemônica está tão voltada em negligenciar nossas produções que é necessário que formemos nossos quilombos para poder viabilizar e girar nossos saberes.

Em uma entrevista veiculada na TV PUC-Rio, realizada em 2017, Conceição Evaristo comenta o termo *escrevivência* como sendo a oportunidade de construir uma literatura que busca dar sentimentos às personagens femininas, colocá-las no centro da cena, trabalhar a gramática do cotidiano, do povo, trazer seus filhos para compor esse universo literário, dentre outros fatores que vão permitindo que essa literatura tenha cada vez mais uma abrangência. Na condição de mulher negra vinda de classes sociais desfavorecidas, Conceição Evaristo demonstra aproximar-se das vozes dos seus personagens, que são fictícios, mas vindos de sua “realidade”, das vivências corporificadas a partir de seu contexto social. A autora comenta que, desde pequena, é rodeada por palavras e sempre teve essa conexão, muito forte por sinal, com a literatura.

Voltando ao que Isabella Rosado Nunes aponta sobre a “perspectiva da anterioridade”, a mesma traz o olhar de Jurema Werneck, a partir do qual fala sobre o lugar de entender que o branco invadiu uma terra já habitada por povos indígenas. É mais do que necessário refletirmos que a história não foi fundada por europeus. A história do povo preto não inicia com escravizados e pessoas sendo acorrentadas. A nossa ancestralidade não começa a partir de um acorrentamento. Jurema Werneck fala da necessidade de haver outras possibilidades interpretativas de se restabelecer marcos para se recontar uma história. Discute também a questão que o branco, a fim de tomar para si, nomeia e faz disso um lugar de posse, poder, privilégio. Werneck estabelece, de

² Cf. entrevista de Regina Dalcastagnè concedida a Amanda Massuela e publicada na revista *Cult* disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>: “A conclusão é resultado de um estudo iniciado em 2003 pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, sob a coordenação da professora titular de literatura brasileira Regina Dalcastagnè, 50. Dividida em duas etapas – a primeira publicada em 2005 e a segunda com previsão de lançamento até abril de 2018 –, a pesquisa analisou um total de 692 romances escritos por 383 autores em três períodos distintos: de 1965 a 1979, de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014. Ainda inéditos, os números anteriores à década de 1990 e posteriores a 2004 são publicados com exclusividade pela CULT.”



forma significativa, um parâmetro com o feminismo dito universal. Iniciado por mulheres burguesas europeias em 1970, que o exercem a partir de nossa leitura crítica, com tamanha ignorância, uma única perspectiva para o conceito recém-criado, em que aborda a luta das mulheres naquele contexto, negligenciando as especificidades das mulheres negras e trans. Além de fundamentarem num individualismo crescente, propiciando lucros ao capitalismo.

Enquanto mulheres negras, entendemos que existem lugares pressupostos onde nossas corporeidades foram impostas e desumanizadas durante muito tempo. Esses são resquícios da escravidão que necessitam ser rompidos, como o trabalho compulsivo, a necessidade de ter que dar conta de tudo, a ideia de que somos “reprodutivas”, esse lugar da ama de leite que cuida, nina e canta para os filhos dos senhores e senhoras da casa grande, de estar sempre cheia de coisas para se sentir útil, a não ideia de ser merecedora de afeto e cuidado. Enfim, muitos fatores explicativos que ilustram como esse feminismo dito universal é falho, além de violento para com as outras mulheres do mundo. Apesar de nossa diversidade imensurável, atravessamos desigualdades raciais e patriarcais advindas do capitalismo e do individualismo. E até mesmo as desigualdades territoriais interferem diretamente em nossas relações e modo de vida. A seguir, ilustro com alguns exemplos que fazem coro às assertivas aqui colocadas.

2 CORPO/TERRITÓRIO

Quando reflito sobre territorialidades dos corpos femininos negros, considero imprescindível pensar em algumas questões que me fazem entender como esse racismo institucional atravessa nosso modo linguístico e territorial de ser, assim como nos atravessa e invade nossas culturas violentamente. Trago aqui algumas ponderações a partir de minha vivência interiorana vindo de um lugar – *casa/quilombo* – em deslocamento à capital, ao ingressar na universidade. Sabemos que esse corpo carrega territorialidades em constante movimento que, para onde se desloca, carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo de suas trajetórias. No entanto, percebo que esse deslocamento pode vir a ser cruel ao adentrar espaços com estruturas coloniais onde é exercido um padrão de universalidade a partir de um sistema hegemônico, por meio do qual a supremacia de um sob outros saberes e conhecimentos nem sempre são validados por aquela estrutura. Diante do exposto, um exemplo que trago a partir dessa reflexão é a universidade: até que ponto as trajetórias desse território-corpo da mulher negra são desvalidadas por esse meio acadêmico? Quais as possíveis estratégias desse corpo *mandigar* dentro desses espaços hegemônicos sem perder suas vivências? Como subverter as violências linguísticas, territoriais, ideológicas e políticas impostas por essas estruturas?

3 ESTRATÉGIAS DE AQUILOMBAMENTO

A partir das questões anteriormente levantadas, apoio-me nas reflexões levantadas por Beatriz Nascimento (1987): mulher, negra, historiadora, intelectual que contribui fortemente para o debate da história do Brasil e das relações étnico-raciais, nos fazendo pensar nas organizações dos quilombos como estratégias de permanência e resistência de nossa cultura preta. Como se deram tais organizações? Nascimento comenta que a história do Brasil foi escrita por mãos brancas, isto é, a partir da ótica do colonizador, do opressor. Pensando a partir disso, o negro, bem como o indígena, não possui sua história escrita de maneira adequada, de forma que sua história seja valorizada e representada positivamente. Devido a esse fator, podemos observar que as escolas e universidades ainda mostram somente a época da escravidão enfatizando como pessoas negras eram acorrentadas e assassinadas, como terras indígenas eram “descobertas” e exploradas, desprezando as produções de pessoas negras pesquisadoras que, geralmente, não aparecem nas grades das disciplinas obrigatórias nas universidades. Há um desinteresse de professores em dar continuidade à formação sobre temáticas relacionadas à raça, estereótipos que reforçam negativamente nossos corpos, dentre outros fatores que, por meio das estratégias escravistas desse sistema opressor, menosprezam nossa verdadeira história. Por meio dessas reflexões provocadas a partir do pensamento de Beatriz Nascimento, é necessário falar da importância de propor (re)construções a partir de óticas negras que dizem respeito à nossa própria história, beber de nosso passado histórico reforçando nossas estratégias de quilombamento, nossa forma de ser, de ver nosso povo livre e sem acorrentamentos. Pensando sobre isso, compartilho algumas experiências pessoais e profissionais referentes à negritude e que dialogam com a perpetuação dos nossos saberes e costumes enquanto coletivo.

4 PROJETO DE EXTENSÃO CONTOS DE MITOLOGIA

Ao ingressar na universidade em 2016, percebi-me num espaço bem diferente de onde vim. Noto pessoas semelhantes, trajetórias parecidas com as minhas buscando sentido e permanência no espaço acadêmico. E me questioneei: como irei sobreviver aqui? Após alguns meses trocando experiências com amigos de períodos avançados, observo a necessidade de nós, pessoas negras, construirmos “bandos” e quilombos que atravessam as estruturas que reforçam a estética e a linguagem da supremacia branca. Foi a partir dessas reflexões e questionamentos que tive meus


caminhos trilhados juntamente ao projeto de extensão chamado *Contos de Mitologia*, coordenado pelo Prof. Marcos Alexandre na Faculdade de Letras da UFMG. Foi nessa chegada que fiz morada durante três anos e meio.

E assim como eu, outros estudantes negros, a maioria do curso de Teatro, puderam se fortalecer realizando pesquisas acadêmicas, refletindo sobre questões raciais, trabalhando a partir da contação de histórias com mitologias gregas, africanas, indígenas e afro-brasileiras. A partir desse quilombo, que foi importante em minha trajetória formativa, pude entender a importância de ler produções vindas dos nossos com nossos olhares, nossas perspectivas e nossas identidades.

A partir de trocas, erros e aprendizados, leituras, discussões e reflexões sobre as questões suscitadas dentro das culturas, procurando entender como cada sociedade se relaciona com o mundo e entre si, eram realizadas discussões em salas de aula, provocando a juventude a refletir como é nosso papel enunciador na sociedade contemporânea. De igual maneira, busquei sempre refletir sobre quais histórias são semelhantes às minhas vivências, às de minha família, de meus colegas e de pessoas que se parecem comigo; quais estruturas coloniais ainda atravessam nossas trajetórias, dentre outras discussões também relacionadas à negritude, sexualidade, subjetividades e afetividades levantadas e discutidas juntamente nas escolas públicas de Belo Horizonte e da região metropolitana. Atuando como contadora de histórias, pesquisadora e professora de Teatro, fui desenvolvendo, a partir dessas discussões, repertórios para dar continuidade à minha pesquisa sobre a perspectiva do patriarcado em nossa/minha família, temática que tratarei no tópico seguinte deste trabalho.

5 COLETIVA PRETA DE TEATRO

A Coletiva Preta de Teatro surge da urgência de usar o palco enquanto espaço de denúncia, desabafo, partilhas e local de “falar”: falar de si e de outras mulheres negras, partilhar dores, encontrar alento e referências. Em 2016, despertada por mim, Elaisa de Souza e Kelly Spínola, nasce a primeira criação cênica “33” a partir de relatos de mulheres que sofreram algum tipo de assédio/abuso sexual, como também provocadas pelo trágico estupro coletivo da adolescente de 16 anos no Rio de Janeiro. Em 2018, nasce a cena curta “Mãe”, que logo se torna espetáculo. Em 2019, surge “O peso nas costas de minha mãe”³ questionando o “lugar” da mulher negra na sociedade, contando e *escrevivendo* histórias de nossas yabás: mães, avós, tias e irmãs. Isto é, mulheres



³ Espetáculo teatral O peso nas costas de minha mãe, Coletiva Preta de Teatro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UDOR6Xk5vPM&ab_channel=ColetivaPretadeTeatro.



de nossas famílias que perpassam por várias gerações, brincando com o passado e presente, recriando poéticas que nos foram negadas na transmissão dos saberes e projetando novas possibilidades de diálogos e de cura por meio da ótica das mulheres negras.

Com esse trabalho participamos, em novembro de 2019, do “Ayó – Encontro Negro de Tradição Oral”, no Rio de Janeiro, evento que zela pela herança de nossos mais velhos e mais velhas a partir do encontro de contadoras e contadores de histórias afro-diaspóricas. A Coletiva Preta de Teatro se debruça nas pesquisas do Teatro Negro, na contribuição da Contação de Histórias, pensando em estética e política, sobre as relações étnico-raciais, na descolonização dos currículos acadêmicos e nas questões que permeiam o universo da mulher negra contemporânea e ancestral.

6 PROJETO CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NEGRAS

Em se tratando dessas estratégias de aquilombamento como potência da valorização e perpetuação de nossos saberes e conhecimentos, o projeto/curso on-line *Contação de Histórias Negras* surge a partir desses lugares onde o encontro, a partilha e afeto são fios condutores que pedem passagem e espaço neste trabalho.

O projeto surge em setembro de 2020, idealizado por mim, Elaisa de Souza e Sarah Vá Moreira a fim de dar continuidade aos nossos trabalhos com as contações de histórias relacionadas à negritude. Realizamos nosso primeiro curso online de Contação de Histórias Negras, que tem como objetivo trazer em sua prática recursos pedagógicos para aprender a arte de contar histórias trazendo a tradição oral como ponto de partida. Buscamos com o curso promover discussões sobre as relações de raça, gênero e sexualidade contidas nos mitos e histórias apresentadas. Sabemos que propor metodologias de ensino que desenvolvem práticas em que a história da cultura africana, afro-brasileira e indígena sejam trabalhadas no ensino básico escolar é imprescindível.

Em relação às contações de histórias negras, em seu processo de (auto)identificação a criança necessita de referenciais literários e bibliográficos que dizem respeito à sua cultura, linguagens, costumes, fontes de saberes, dentre outros fatores que influenciam em sua vida. Sendo assim, esse curso traz a importância de trabalhar as leis 10.639/03 e 11.645/08, sabendo que na realidade existem muitas barreiras para as escolas brasileiras executarem tais questões ligadas a essas leis. O projeto “Contação de Histórias Negras” exerce o papel de promover conteúdos artísticos em relação à arte de contar histórias, como também de fomentar discussões ligadas à raça, à classe e ao gênero. Para corroborar a importância do projeto apresento, a título de exemplo, uma das histórias que já trabalhamos no curso:



Lumbiá trocou rapidamente a lata de amendoim pela caixa de chicletes com a irmã, Beba. Fazia um bom tempo que estava andando para lá e para cá, e não havia conseguido vender nada. Quem sabe teria mais sorte se oferecesse chicletes? E se não desse certo também, procuraria o colega, Gunga. Juntos poderiam vender flores. A mãe não gostava daquela espécie de mercadoria. Dizia que flor encalhada era prejuízo certo. Sempre amanheciam murchas. Amendoim e chicletes não. Lumbiá gostava da florida mercadoria em seus braços. Tinha até um estilo próprio de venda. Ficava observando os casais. O momento propício para empurrar o produto era quando o casal partia para o beijo na boca. Ele assistia as bocas descolarem para oferecer a flor. Às vezes, o casal se desgarrava, mas na mesma hora, sem respirar, o par se fundia de novo. Lumbiá ficava por perto olhando de soslaio para a mulher. E quando notava que ela estava toda mole e o homem derretido, o menino se punha quase entre os dois, com a flor em riste, impondo a mercadoria. O quente namorado enfiava a mão no bolso, tirava o dinheiro e pegava a rosa, recomeçando o carinho. Às vezes, tão distraído no beija-beija estava o casal que a rosa não era colhida das mãos do menino. E o troco honestamente oferecido ao freguês cansava de esperar na mão do vendedor. Lumbiá, calculando o lucro da venda, sorria feliz. Às vezes, o menino usava outro ardil para impulsionar a venda [...]⁴.

Com base nessa história, entre outros aspectos, trabalhamos algumas questões, como o olhar do que é ser criança, da ingenuidade de enxergar o mundo de forma mais leve, sutil, mesmo diante de todos os problemas que rodeiam nossa vida. O ser criança traz uma instância de leveza e pureza. A partir disso, inquirimos sobre: o quê de “criança” carregamos dentro de nós? O que carregamos de magia? Como estão nossos olhares para as sutilezas em nossa vida? Discutimos que, quando crianças, não polimos sentimentos e palavras; sentimos, logo falamos. No entanto, quando crescemos e despertamos para a vida adulta, começamos a nos tolher ante estruturas coloniais, permitindo com que violências nos silenciem. A partir disso, após a contação da história, levantamos algumas questões: quais violências ainda (nos) assolam? Quais estruturas internas ainda aprisionam e que precisam ser externalizadas? Incentivamos que sejam nomeadas.

7 PROJETO A MINHA FAMÍLIA CONTA


Considero fundamental também comentar sobre projetos que dialogam com minha pesquisa. Entre outros, não posso deixar de fazer referência ao projeto *A Minha Família Conta*,

⁴ História “Lumbiá”, do livro *Olhos D’água*, de Conceição Evaristo.

idealizado e conduzido pelas atrizes e pesquisadoras Ariane Maria e Nayara Leite, e que busca ponderar sobre os saberes ancestrais passados pela oralidade por meio dos corpos das suas mais velhas e mais velhos. As histórias são transmitidas com tamanha preciosidade que dá vontade de ficar ouvindo suas histórias por horas. Por meio de registrar e compartilhar casos de famílias negras e narrativas das vivências do interior de Minas Gerais e da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Ariane Maria e Nayara Leite trazem, com muita eficácia, sonoridades e figuras imagéticas que nos convidam a passear pelas suas memórias interioranas, de onde também eu compartilho muitas vivências⁵. Quando as ouço, penso em outras possibilidades de existência justamente desse lugar onde o matriarcado sempre coexistiu e prevaleceu nas nossas histórias. Também reflito sobre a oralidade enquanto presença, potência, conhecimento e identidades; oralidade essa corporificada nas feitura dessas mulheres, acompanhada no ato de trançar o cabelo, de ensinar uma receita, no preparo de um chá, numa benzeção, nas reuniões e entre diversas formas de transmissão desse patrimônio variado no qual a tradição oral percorre. Essa oralidade também necessita de escuta para continuar ressoando outros saberes e adentrando outros espaços.

8 UBUNTU E SEUS DESDOBRAMENTOS

Ubuntu – Eu sou porque você é. Quão profunda é essa perspectiva africana. A autora e empreendedora Getrude Matshe é uma das personalidades responsáveis por fazer o Ubuntu chegar a um número maior de pessoas. Esse conceito é uma filosofia que faz parte dos povos Bantos, na África Subsaariana. Inclusive, boa parte das pessoas escravizadas que foram levadas ao Brasil tem origem desse grupo. Foi na África do Sul que ganhou um simbolismo importante por causa do *apartheid*. Nesse momento, ele traz a questão em que a base é a visão da comunidade. Um bom exemplo disso é quando nossas mais velhas repartiam em comunidade suas comidas, remédios, roupas e até mesmo o que não tinham. É acreditar na humanidade, na abundância e na coletividade que nos constitui enquanto povo negro. Já o individualismo, que domina grande parte da tradição filosófica ocidental, sugere que não precisamos de nada além de “força de vontade” para maximização do nosso bem estar. Isto é, a valorização da liberdade individual e da privacidade. Como subverter essa perspectiva ocidental entendendo que o “individualismo” é apenas uma das filosofias existentes?



⁵Para ter acesso a uma das histórias do projeto, acesse: https://www.youtube.com/watch?v=nWa-HMSs_7U&t=1s&ab_channel=AssembleiadeMinasGerais.



A partir das contribuições do artigo da filósofa brasileira Aza Njeri (1987), podemos visualizar alguns caminhos possíveis para compreender que o conceito Ubuntu é útil para nos lembrar da pluralidade da nossa sociedade. A partir das reflexões que a autora nos provoca, considero relevante resgatar algumas dessas histórias. Na perspectiva africana, o repartir em comunidade é um dos fatores fundantes desses povos, que reverbera também nas vivências das famílias brasileiras. A ideia do dividir e repartir atravessa a construção filosófica, histórica e cultural de forma coletiva que contempla outros modos de viver, de pensar e de se relacionar. Em se tratando desse lugar onde o viver em comunidade está presente, acredito que estamos conectados a uma grande rede, como se fôssemos células que dependem umas das outras para viver, onde há o entendimento de que ajudando o outro estou ajudando a mim mesmo, ação que reverbera, de alguma maneira, coletivamente. Assim, o micro que reverbera no macro. Exemplo disso são os eventos de famílias em que a memória do alimento vem a partir de mesas rodeadas de pessoas, acompanhado de sonoridades e batuques, em que o alimento ganha esse lugar enquanto fartura e partilha em abundância, e dividido entre os nossos.

Sobonfu Somé, no livro *O Espírito da Intimidade* (2003), no capítulo “O abraço da comunidade”, fala de suas reflexões após ter vivido por um tempo na aldeia dos povos Dagara. O desenvolvimento da criança, a partir do seu nascimento em diante, é de responsabilidade da comunidade, não somente da mãe e do pai. Quando uma mulher dá à luz a uma criança, toda a comunidade também dará. Qualquer pessoa pode alimentar essa criança e isso nos faz pensar que naqueles momentos em que nossas mães eram amas de leites de suas comadres quando essas não produziam leite suficiente para suas crias, o leite também era oferecido. Nesse tipo de sociedade, os problemas trazidos pela criança eram vistos de forma ampla, não cabendo somente à mãe e ao pai resolverem, mas dividindo e disseminando as funções socialmente para poder encontrar soluções. Quando essa não era encontrada, eram realizados rituais em busca de possíveis respostas, trazendo todos os pertencentes àquela comunidade a pensar sobre aquilo. Somé afirma que se um casal está com problemas, provavelmente as pessoas à sua volta serão afetadas e, conseqüentemente, não receberão aquilo que precisam.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propus falar do conceito de *escrevivências*, criado por Conceição Evaristo, e trazer alguns desdobramentos pertinentes que são interligados a ele e que me atravessam como mulher negra, atriz, contadora de histórias e pesquisadora. Vale ressaltar a importância de propor reflexões sobre os lugares de atuações dessas produções de narrativas feitas por pessoas negras,

precisamente realizadas por mulheres negras, assim como falar dos desafios e obstáculos que envolvem isso. As reflexões trazidas para este texto não se esgotam e por isso assevero que há a necessidade de estabelecer novas discussões, comentários e leituras analíticas sobre as estratégias de aquilombamento como forma de valorização e perpetuação de nossos saberes e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

DALCASTAGNÈ, Regina. **Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro**. Entrevista a Amanda Massuela. *Cult*, ano 20, n. 231, p. 14-19, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/> . Acesso em: 05 mar. 2021.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós** - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água** - 1 ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.


NJERI, Aza. **Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **A história do Brasil é uma história escrita por mãos brancas**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LhM1MaPE9c&t=28s&ab_channel=VideRevolu%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 05 mar. 2021.

RIBEIRO, Katiúscia. (RE) **ancestralizar as vozes através das filosofias africanas**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7rsIUDAMJl4&t=1s&ab_channel=TEDxTalks. Acesso em: 05 mar. 2021.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2003.

Ubuntu: o que significa essa filosofia africana e como pode nos ajudar nos desafios de hoje. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KaQSIvWV7wo&t=32s&ab_channel=BBCNewsBrasil. Acesso em: 05 mar. 2021.



Enviado em: 13/05/2021
Aceito em: 14/06/2021

Página 51